

Grinspun diz que solução para dívida ainda demora

externa

Cartagena, Colômbia — A América Latina só conseguirá uma solução para o problema do endividamento externo a muito longo prazo, apesar de ter apresentado no Consenso de Cartagena fórmulas concretas para negociar o pagamento dos 350 bilhões de dólares que deve aos países industrializados e aos bancos, declarou o Ministro da Economia da Argentina, Bernardo Grinspun.

Em Brasília, o Chanceler Ramiro Sáraiva Guerreiro disse, ao chegar da reunião de Cartagena: "É uma brincadeira a recente declaração do Presidente Ronald Reagan de que a questão das dívidas externas é exclusiva dos países devedores, dos bancos credores e do Fundo Monetário Internacional".

Nova ação

Guerreiro informou que os 11 Governos que participaram do encontro vão

agora avaliar as repercussões e verificar se cabe algum tipo de nova ação coordenada. Essa nova ação, segundo ele, dependerá das decisões que serão tomadas em uma série de reuniões internacionais antes da plenária do FMI, no final de setembro. "A reunião não foi para criar uma máquina de renegociação coletiva, mas para fazer uma ponderação de mensuração difícil", ressaltou o ministro.

Bernardo Grinspun, que também participou do encontro, encerrado sexta-feira, afirmou que "o problema do endividamento externo não é só da América Latina mas de todos os países em desenvolvimento, e não poderá ser resolvido a curto prazo".

Afirmou que os devedores vão estabelecer os mecanismos de diálogo com os credores. Observou, no entanto, que é prematuro assegurar se a tarefa terá êxito.

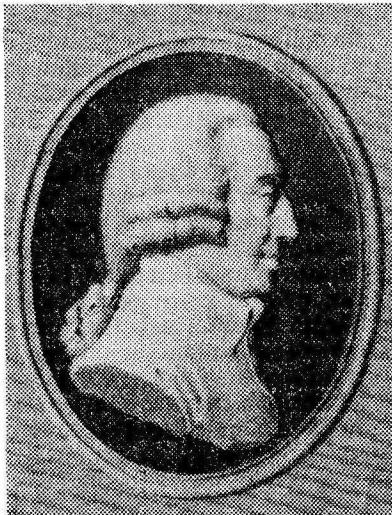
Entre os itens acertados no encontro estão: redução das taxas de juros, restabelecimento do crédito externo, limites para remessa de capital relativos ao serviço da dívida, aumento dos recursos do FMI para os países latino-americanos e moderação da política de austeridade, acesso aos mercados dos países em desenvolvimento e redução dos custos bancários.

De acordo com o texto do Consenso, para que essas propostas tenham efeito prático, devem ser abertos canais de renegociação com os Estados Unidos, o principal credor da região, e com os bancos.

O Chanceler da Colômbia, Rodrigo Lloreda Caicedo, acha que os países ricos aceitarão negociar "porque é hora de tomar medidas para superar a crise. Se o problema ficar latente, poderá ser precipitada uma situação mais dramática que não convém aos credores".



David Ricardo



Adam Smith



Thomas Malthus